

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE IPORÁ-UNIPORÁ
CURSO DE PSICOLOGIA

ANTÔNIO MENDES DA ROCHA FILHO

IMPLICAÇÕES SOBRE O AFETO: A CONSTRUÇÃO DO VÍNCULO
DENTRO DA CLÍNICA PSICANALÍTICA

IPORÁ-GO

2024

ANTÔNIO MENDES DA ROCHA FILHO

ANTÔNIO MENDES DA ROCHA FILHO

**IMPLICAÇÕES SOBRE O AFETO: A CONSTRUÇÃO DO VÍNCULO
DENTRO DA CLÍNICA PSICANALÍTICA**

Artigo apresentado à Banca Examinadora do Curso de Psicologia do Centro Universitário de Iporá-UNIPORÁ como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Profª Dyullia Moreira de Sousa

BANCA EXAMINADORA

Dyullia Moreira de Sousa

Dyullia Moreira de Sousa

Presidente da Banca e Orientadora

Eva Cassia Faria da Silva

Eva Cassia Faria da Silva

Docente Convidada

Jaqueline de Sousa Silva Ferreira

Jaqueline de Sousa Silva Ferreira

Coordenadora do curso de Psicologia

IPORÁ-GO

2024

IMPLICAÇÕES SOBRE O AFETO: A CONSTRUÇÃO DO VÍNCULO DENTRO DA CLÍNICA PSICANALÍTICA

IMPLICATIONS ON AFFECT: THE CONSTRUCTION OF THE BOND WITHIN THE
PSYCHOANALYTIC CLINIC

Antônio Mendes da Rocha Filho¹

Dyullia Moreira de Sousa²

RESUMO

O presente estudo investigou a importância dos afetos na construção do vínculo terapêutico na psicanálise. Diante disso, a pesquisa se baseou na premissa de que os sentimentos, emoções e sensações, tanto do paciente quanto do analista, desempenham um papel crucial na dinâmica da relação terapêutica. A transferência e a contratransferência são conceitos-chave para compreender a influência dos afetos no vínculo terapêutico. A transferência, a projeção de sentimento do passado no presente, e a contratransferência, as reações do analista a essas projeções, revelam a complexidade da relação entre paciente e terapeuta. Nesse contexto, o objetivo principal do estudo esteve em aprofundar a compreensão de como os processos afetivos influenciam a construção e a manutenção do vínculo terapêutico. Para isso, foram analisadas as contribuições de diversos autores da psicanálise clássica e contemporânea, através da pesquisa bibliográfica. Os resultados da pesquisa indicam que a qualidade do vínculo terapêutico é influenciada diretamente pela forma como o terapeuta lida com a transferência e a contratransferência. O vínculo terapêutico, por sua vez, é considerado o pilar central do processo de análise, pois é através dele que o paciente pode acessar e elaborar seus conflitos internos. Não obstante, o estudo destacou a importância de compreender os processos afetivos na relação terapêutica para o avanço da teoria e da prática psicanalítica. Ao investigar as implicações do afeto na construção do vínculo terapêutico, a pesquisa contribui para um melhor entendimento dos mecanismos subjacentes ao processo analítico e para o desenvolvimento de intervenções mais eficazes.

Palavras-chave: Afeto. Vínculo terapêutico. Psicanálise. Transferência. Contratransferência.

ABSTRACT

This study investigated the importance of affect in the construction of the therapeutic bond in psychoanalysis. In view of this, the research was based on the premise that feelings, emotions and sensations, both patient and the analyst, play a crucial role in the dynamics of the

¹ Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário de Iporá-UNIPORÁ, GO. Email:

² Orientadora, Bacharel (UFMT) Mestranda em Psicologia (UFG) Docente do Curso de Psicologia da UNIPORÁ. Email: psi.moreira@gmail.com

therapeutic relationship. Transference and countertransference are key concepts for understanding the influence of affect on the therapeutic bond. Transference, the projection of feelings from the past into the present, and countertransference, the analyst's reactions to these projections, reveal the complexity of the relationship between patient and therapist. In this context, the main objective of the study was to deepen the understanding of how affective processes influence the construction and maintenance of the therapeutic bond. To this end, the contributions of several authors from classical and contemporary psychoanalysis were analyzed. The results of the research indicate that the quality of the therapeutic bond is directly influenced by the way the therapist deals with transference and countertransference. The therapeutic bond, in turn, is considered the central pillar of the analysis process, as it is through it that the patient can access and elaborate on his or her internal conflicts. Nevertheless, the study highlighted the importance of understanding the affective processes in the therapeutic relationship for the advancement of psychoanalytic theory and practice. By investigating the implications of affection in the construction of the therapeutic bond, the research contributes to a better understanding of the mechanisms underlying the analytical process and to the development of more effective interventions.

Keywords: Affection. Therapeutic bond. Psychoanalysis. Transference. Countertransference.

1 INTRODUÇÃO

A afetividade constitui o alicerce da experiência humana e, conseqüentemente, da relação terapêutica. Na clínica psicanalítica, o afeto, expresso através de sentimentos, emoções e sensações, desempenha um papel central na construção do vínculo entre analista e analisando. A transferência, fenômeno no qual o paciente projeta em seu terapeuta sentimentos e expectativas oriundos de relações passadas, é um exemplo emblemático da importância do afeto na dinâmica analítica (Laplanche; Pontalis, 2020).

A contratransferência, por sua vez, refere-se à resposta emocional do analista às manifestações afetivas do paciente, e sua gestão cuidadosa é fundamental para a criação de um espaço seguro e propício à elaboração psíquica. A intensidade e a qualidade dos afetos vivenciados na relação analítica podem tanto facilitar quanto dificultar o processo terapêutico, sendo, portanto, um objeto de constante atenção e reflexão por parte do analista (Laplanche; Pontalis, 2020).

Mediante o exposto, a presente pesquisa tem como tema central a investigação das implicações do afeto na construção do vínculo terapêutico no contexto da clínica psicanalítica. Nesse sentido, a pesquisa se concentrou na análise da literatura psicanalítica clássica e contemporânea, com foco nas contribuições de autores que abordaram a temática do afeto e do vínculo terapêutico e seu problema de pesquisa foi disposto a partir da seguinte pergunta: como

os processos afetivos, tanto do paciente quanto do analista, influenciam a construção e a manutenção do vínculo terapêutico na clínica psicanalítica?

Por sua vez, as hipóteses do estudo foram assim determinadas: I) Os afetos desempenham um papel fundamental na construção e na manutenção do vínculo terapêutico, influenciando a transferência e a contratransferência. II) A qualidade do vínculo terapêutico, mediada pelos processos afetivos, está relacionada aos resultados do tratamento psicanalítico. III) A capacidade do analista de lidar com os seus próprios afetos e de estabelecer um clima emocional seguro e consistente é fundamental para o sucesso da terapia.

O objetivo geral do estudo se encontra em aprofundar a compreensão de como os processos afetivos, tanto do paciente quanto do analista, influenciam a dinâmica da relação terapêutica e, conseqüentemente, os resultados do tratamento. Os objetivos específicos corresponderam a: Mencionar as teorias psicanalíticas que tratam do afeto e da construção de vínculos; Abordar o papel da transferência e contratransferência na dinâmica afetiva; Discorrer sobre o vínculo entre paciente e terapeuta segundo a psicanálise.

A compreensão dos processos afetivos na relação terapêutica é fundamental para o avanço da teoria e da prática psicanalítica. O afeto, como elemento central da experiência humana, permeia todas as relações interpessoais, incluindo a relação terapêutica. Ao investigar as implicações do afeto na construção do vínculo terapêutico, esta pesquisa contribuirá para um melhor entendimento dos mecanismos subjacentes ao processo analítico e para o desenvolvimento de intervenções mais eficazes. Além disso, os resultados desta pesquisa poderão auxiliar na formação de futuros analistas, sensibilizando-os para a importância do manejo dos afetos na prática clínica.

1.1 REVISÃO TEÓRICA

1.1.1 Teorias psicanalíticas que tratam do afeto e da construção de vínculos

Na perspectiva psicanalítica, o afeto transcende a mera experiência emocional, revelando-se como uma força energética que impulsiona o psiquismo. Conforme Freud (1915), os afetos correspondem a processos de descarga psíquica, manifestando-se como sensações corporais e estados emocionais intensos. Essa dimensão energética dos afetos confere-lhes um caráter dinâmico e transformador, moldando as representações mentais e as relações interpessoais do indivíduo. Do mesmo modo, a vivência subjetiva do afeto é singular e

complexa, sendo influenciada por fatores históricos, culturais e pelas experiências individuais, e pode variar desde estados de prazer e bem-estar até sensações de angústia e desprazer.

A afetividade, desde os primórdios da psicanálise, constitui um eixo central nas investigações freudianas. A partir de seus estudos sobre a histeria, Freud (1974) revelou a importância dos afetos traumáticos e da ab-reação para a compreensão da etiologia dessa neurose, lançando as bases para o desenvolvimento do método catártico. O afeto, para Freud, não se limita à mera expressão de um estado emocional, mas representa uma força energética psíquica, capaz de se dissociar das representações mentais.

Para Laplanche e Pontalis (2020), o afeto designa estados afetivos penosos ou desagradáveis, que se manifestam como descargas energéticas intensas. Essa dissociação entre afeto e representação, evidenciada por Freud, possibilitou a compreensão de fenômenos como a conversão histérica e a formação de sintomas, nos quais o afeto reprimido encontra vias alternativas de expressão. A partir dessa perspectiva, a investigação dos afetos se tornou fundamental para a psicanálise, permitindo uma compreensão mais aprofundada dos processos psíquicos e da dinâmica dos conflitos internos.

A compreensão da consolidação dos vínculos afetivos na vida humana, tema central nas investigações psicanalíticas, tem sido enriquecida por diversas contribuições ao longo dos anos. Nesse campo, as teorias enfatizam que, desde os primeiros meses de vida, o bebê inicia um processo de construção de suas estruturas psíquicas, diferenciando-se gradativamente do ambiente e, em particular, do cuidador primário, geralmente, a mãe (Bowlby, 2018). Essa diferenciação gradual, fundamental para o desenvolvimento da subjetividade, é mediada pelas interações afetivas estabelecidas entre o sujeito e seu cuidador, as quais moldam as representações mentais construídas sobre si mesmo e sobre os outros.

Segundo Penna (2017), a natureza dos vínculos afetivos estabelecidos na infância é profundamente influenciada pelas experiências precoces de cuidado e pelas representações mentais que a criança constrói a partir dessas interações. A forma como os cuidados são internalizados e as identificações estabelecidas com as figuras parentais moldam a maneira como a criança se relacionará com os outros ao longo da vida.

Freud (1996), leciona que as primeiras experiências de cuidado servem como um protótipo para as relações afetivas futuras, estabelecendo um padrão de expectativas e desejos que a criança buscará reproduzir em seus vínculos posteriores. A identificação, mecanismo psíquico fundamental nesse processo, permite que a criança incorpore aspectos do objeto amado em sua própria identidade, fortalecendo o vínculo e facilitando a construção de um senso de pertencimento. Nesse sentido, a identificação não se limita às relações objetivas primárias, mas

pode ocorrer em relação a qualquer pessoa que compartilhe características ou qualidades valorizadas pelo indivíduo.

A compreensão da natureza e das transformações do afeto constituiu um dos pilares da teoria psicanalítica freudiana. Em seus estudos iniciais sobre a histeria, Freud (1974) identificou diversos mecanismos pelos quais o afeto se manifesta e se transforma, como a conversão em sintomas somáticos, o deslocamento para ideias ou objetos, e a transformação em angústia ou melancolia. Essa primeira teoria das neuroses, centrada na questão do afeto, antecipou a importância que esse conceito teria na construção da psicanálise.

Ao longo de sua obra, Freud (1974) explorou a natureza energética do afeto, utilizando termos como ‘quota de afeto’, ‘soma de excitação’ e ‘energia de investimento’ para descrever a intensidade e a mobilidade das pulsões. No entanto, a concepção de afeto evoluiu ao longo do desenvolvimento da teoria psicanalítica, acompanhando as mudanças nas concepções de aparelho psíquico e de pulsão, e se tornando cada vez mais complexa e integrada à dinâmica psíquica. Destaca-se que a teoria da angústia e a teoria pulsional, por exemplo, introduziram novos nuances na compreensão do afeto, revelando sua relação com o recalque, a ansiedade e a morte.

A centralidade dos afetos na psicanálise freudiana é incontestável, e sua relevância se mantém e se amplia nas diversas vertentes da psicanálise contemporânea. Imbasciati (2018) acertadamente aponta que a psicanálise, em sua essência, constitui um método de investigação dos afetos, tanto em suas manifestações conscientes, quanto inconscientes. A amplitude do campo dos afetos, que se estende do corpo à linguagem, do trauma às relações objetais, e se manifesta em diversas formas, como sentimentos, emoções, paixões e humores.

A obra de André Green (2020) oferece uma contribuição fundamental para a compreensão da importância dos afetos nas relações precoces, especialmente na díade mãebebê. Ao destacar o papel da mãe como intermediária entre a criança e o pai, o autor ressalta a complexidade das dinâmicas afetivas que se estabelecem nesse triângulo relacional.

A partir da perspectiva de Winnicott, Green (2020) evidencia o papel crucial dos afetos na gênese e desenvolvimento do brincar, um espaço potencial onde a subjetividade infantil se desenvolve e se diferencia. Essa perspectiva intersubjetiva, que enfatiza a importância das interações entre mãe e bebê, encontra eco nas pesquisas em psicanálise.

Mediante essa perspectiva teórica, as interações afetivas entre a criança, a mãe, o pai e a cultura, como descritas por Green, podem ser compreendidas como um campo relacional dinâmico e em constante transformação, onde as subjetividades se entrelaçam e se constituem mutuamente. Essa concepção amplia a compreensão dos processos de subjetivação, permitindo

uma análise mais aprofundada das influências culturais e sociais sobre a vida psíquica (Green, 2020).

A busca por satisfação das necessidades infantis, como apontado por Freud (2004), se dá por meio de um mecanismo de veiculação sustentada, caracterizado pela transferência de demandas e expectativas para o outro. Quando essa busca é frustrada ou perturbada, o indivíduo pode experimentar uma regressão narcisista, buscando a satisfação de suas necessidades no próprio self, em detrimento da relação com o outro.

Essa dinâmica, fundamental para a compreensão do desenvolvimento psíquico, ganha contornos mais precisos nas contribuições de Winnicott (2006). Para este autor, a dependência é uma condição inata e necessária para o desenvolvimento saudável, exigindo a presença de um cuidador suficientemente bom que possa atender às necessidades do bebê e facilitar a construção de um vínculo seguro. A qualidade desse vínculo, por sua vez, será determinante para a formação da personalidade da criança, influenciando a maneira como ela se relaciona consigo mesma e com o mundo ao seu redor. A figura materna desempenha, portanto, um papel crucial na elaboração das experiências emocionais infantis, promovendo a integração das vivências e a construção de um senso de si coerente.

Bowlby (2018) reforça que a partir das interações precoces com o cuidador primário, a criança internaliza padrões relacionais que moldam sua subjetividade e influenciam a forma como ela se relaciona com o mundo. A repetição dessas experiências, marcadas pela satisfação das necessidades básicas e pela troca afetiva, promove o desenvolvimento de representações mentais sobre si mesma e sobre o outro, constituindo a base para a formação de vínculos afetivos.

Dessa forma, Bowlby (2018), que desenvolveu a teoria do apego, postula que a figura materna é o primeiro objeto de amor e fonte de segurança para o indivíduo. Essa figura, caracterizada como uma base segura, é aquela a quem são direcionadas as necessidades, desejos e angústias, estabelecendo um vínculo afetivo primordial. O referido autor também postula que a conduta de apego, entendida como a busca por proximidade e segurança com a figura de cuidado, emerge como uma estratégia adaptativa que visa garantir a sobrevivência e o bemestar do indivíduo.

Nesse sentido, as primeiras relações estabelecidas na infância exercem um papel fundamental na construção da identidade e na regulação emocional, impactando significativamente o desenvolvimento psicológico ao longo da vida. No entanto, Bowlby reconhece a possibilidade de que outras pessoas assumam esse papel, denominadas 'figuras de apego' ou 'figuras de apoio', como pode ocorrer entre o paciente e seu terapeuta.

1.1.2 O papel da transferência e contratransferência na dinâmica afetiva

Transferência e contratransferência são conceitos fundamentais na psicoterapia, especialmente na psicanálise, e estão intimamente ligados à afetividade. Eles descrevem fenômenos que ocorrem na interação entre terapeuta e paciente, influenciando profundamente o processo terapêutico (Bezerra, 2024).

Bezerra (2024) discorre que a transferência pode ser descrita como o fenômeno que se instala quando o paciente, de forma inconsciente, projeta sentimentos, desejos, atitudes e expectativas em seu terapeuta, sentimentos que, normalmente seriam direcionados a figuras de autoridade importantes de seu passado. A referida autora reforça que a transferência se manifesta, tanto de forma positiva, presente nos sentimentos de amor, admiração e dependência, quanto negativa, representada pela raiva, hostilidade e desconfiança. Não obstante, observa-se que a transferência pode se manifestar na idealização do terapeuta, na resistência ao tratamento ou de ambas as formas (Bezerra, 2024).

Por sua vez, a contratransferência é apresentada enquanto reação emocional do terapeuta como resposta à transferência do paciente. Nesse sentido, é descrita a partir da forma como o terapeuta é afetado pelos sentimentos e comportamentos do paciente, se manifestando sob diversos sentimentos, por exemplo, a raiva, atração, compaixão ou mesmo a projeção de seus próprios conflitos (Barros, 2015).

Para Barros (2015) e Bezerra (2024), tanto a transferência quanto a contratransferência são fenômenos profundamente afetivos, visto que os sentimentos que emergem na relação terapêutica são intensos e complexos, e podem ser tanto conscientes quanto inconscientes. A afetividade desempenha um papel crucial na dinâmica da relação terapeuta-paciente, pois é através das emoções que os conflitos internos são revelados e trabalhados.

Ao discorrer sobre a evolução do conceito de transferência sob a perspectiva freudiana, Kupermann (2008) ressalta que ela é complexa de ser compreendida, visto que inicialmente, a transferência era concebida como um obstáculo ao tratamento psicanalítico, descrita como um deslocamento inconsciente de afetos e pulsões de objetos primários para a figura do analista. Essa perspectiva, que via a transferência como uma ‘falsa-ligação’, impedia o avanço da análise, pois o paciente se encontrava preso à repetição de padrões relacionais passados.

No entanto, Freud (2004) ao longo de sua obra, ampliou a compreensão da transferência, reconhecendo seu papel fundamental no processo analítico. A repetição, antes vista como uma resistência, passou a ser considerada um instrumento privilegiado para a investigação do

inconsciente, permitindo que os conteúdos recalçados e os mecanismos de defesa do ego se manifestassem na relação com o analista.

A partir dessa nova perspectiva, a transferência deixou de ser um obstáculo a ser superado e passou a ser um elemento central da técnica psicanalítica. A experiência clínica de Breuer com Anna O., marcada por uma intensa transferência amorosa, evidencia a importância da transferência para a análise. A ausência de um trabalho com a transferência, como demonstrado no referido caso, limita o processo analítico à uma mera resposta às demandas do paciente, impedindo a investigação dos conflitos inconscientes e a promoção de mudanças (Bezerra, 2024).

Em contraposição à visão freudiana, que inicialmente concebia a transferência como uma resistência a ser superada, Ferenczi (1996) e Winnicott (2006) com sua perspectiva intersubjetiva, propõem uma concepção mais dinâmica e criativa desse fenômeno. Para esses autores, a transferência não se limita à repetição de padrões passados, mas constitui um espaço de criação e transformação, onde novas experiências podem emergir. A relação terapêutica, nesse contexto, é vista como um campo intersubjetivo no qual analista e analisando cocriam significados e sentidos (Bezerra, 2024).

Bezerra (2024) reforça que a qualidade do encontro afetivo entre ambos é fundamental para que ocorram processos de transformação psíquica. A transferência, assim, não se restringe à mera rememoração de experiências passadas, mas envolve a mobilização e a transmutação de afetos, possibilitando a elaboração de conflitos e a construção de novas formas de relacionar-se.

Não obstante, a perspectiva ferencziana e winnicottiana ampliou significativamente o conceito de transferência, conferindo-lhe um caráter mais ativo e criativo, no qual o passado é reinterpretado e transformado à luz das experiências presentes. Concordando com essa perspectiva, Lejarraga (2020) propõe uma ampliação do conceito de transferência, concebendo como um processo introjetivo e criador, em que os afetos são transmutados, promovendo mudanças na subjetividade do analisando. Essa visão contemporânea da transferência, que ultrapassa a noção de repetição mecânica, destaca a importância da dimensão relacional e da co-construção de significados no processo analítico.

A obra de Zimmerman (2007) evidencia a centralidade da transferência na teoria psicanalítica freudiana, enquanto a contratransferência, apesar de reconhecida, foi relegada a um segundo plano. A preocupação de Freud com o risco de distorção da prática analítica, caso a contratransferência fosse utilizada de forma irresponsável, levou o autor a não aprofundar a temática.

Segundo destacado por Bezerra (2024), a crença de que os afetos do paciente poderiam exercer influência sobre o analista era vista como um problema a ser superado, relacionado aos complexos infantis não resolvidos do terapeuta. Para Freud, a contratransferência não era uma ferramenta analítica, mas sim um obstáculo a ser controlado, a fim de garantir a objetividade e a eficácia do tratamento. Essa visão, que predominou durante grande parte da história da psicanálise, limitou a compreensão da complexidade da relação analítica e das nuances da experiência clínica.

A concepção de neutralidade analítica, defendida por Freud, Klein e Lacan, posicionava o analista como um observador imparcial e objetivo, livre de influências subjetivas. Essa perspectiva, que se inspirava em modelos científicos, buscou manter a objetividade da análise e evitar que os afetos do analista interferissem no processo terapêutico. A figura do analista era comparada à de um cirurgião ou espelho opaco, sugerindo uma postura distante e impassível.

No entanto, autores como Ferenczi (1992), Heimann (1950) e Winnicott (2006) questionaram essa visão, propondo uma revalorização da contratransferência como ferramenta fundamental para a compreensão da dinâmica analítica. Para esses autores, a neutralidade absoluta é uma idealização irreal, e a subjetividade do analista, ao invés de ser um obstáculo, pode ser utilizada como um recurso terapêutico.

A contratransferência, nesse sentido, passa a ser vista como uma fonte de informações valiosas sobre o mundo interno do paciente e sobre a dinâmica da relação analítica. Essa perspectiva, que valoriza a dimensão relacional e intersubjetiva da análise, representa uma ruptura com a concepção tradicional de neutralidade e abre caminho para uma prática clínica mais flexível e atenta às nuances da experiência analítica (Bezerra, 2024).

A concepção de contratransferência, enquanto fenômeno inerente à relação analítica, foi significativamente ampliada pelas contribuições de Ferenczi e Winnicott. Em oposição à visão mais ortodoxa, que preconizava a neutralidade absoluta do analista, Ferenczi (1992) defendeu a importância de reconhecer e trabalhar com os próprios sentimentos e reações diante do paciente. Para o estudioso, a negação da contratransferência pode levar a uma insensibilidade emocional e impedir o estabelecimento de um vínculo terapêutico genuíno.

Winnicott (2006), por sua vez, argumentou que a admissão dos sentimentos contratransferenciais é fundamental para auxiliar o paciente na construção de seu self. Ao identificar-se com o sofrimento do paciente, sem se perder em uma identificação total, o analista proporciona ao paciente a experiência de novas relações e de novas possibilidades de desenvolvimento. Essa perspectiva, que valoriza a dimensão relacional e intersubjetiva da

análise, representa uma ruptura com a concepção tradicional de neutralidade e abre caminho para uma prática clínica mais flexível e atenta às nuances da experiência analítica.

Heimann (1950) aprofundando os conceitos de Ferenczi, estabeleceu uma ponte entre a psicanálise kleiniana e a compreensão da contratransferência. Ao incorporar a noção de identificação projetiva, a autora propôs que os afetos experimentados pelo analista não são meras reações pessoais, mas sim projeções do mundo interno do paciente.

Mediante o olhar de Heimann (1950), a contratransferência, ao invés de ser um obstáculo à análise, torna-se uma ferramenta fundamental para acessar o inconsciente do analisando. A partir dessa perspectiva, a relação analítica é concebida como um campo intersubjetivo, no qual transferência e contratransferência são fenômenos interligados e mutuamente constituídos. Green (2020), ao se alinhar à essa concepção, ampliou ainda mais a compreensão da contratransferência, propondo que ela não se limita à investigação dos conflitos não resolvidos do analista, mas se constitui como um correlato da transferência, influenciando e, em alguns casos, até mesmo precedendo-a. Essa visão tornou mais complexa a dinâmica da relação analítica, evidenciando a importância de uma escuta atenta aos processos inconscientes tanto do paciente quanto do analista.

1.1.3 O vínculo entre paciente e terapeuta segundo a psicanálise

A controvérsia acerca da eficácia da psicoterapia ganhou novo fôlego em 1952 com a publicação do livro de Hans Eysenck, *The Effects of Psychotherapy: An Evaluation*. Ao questionar a superioridade dos tratamentos psicoterápicos em relação à remissão espontânea dos sintomas, Eysenck (1952) instigou um debate acalorado na comunidade científica. Apesar das críticas e controvérsias, o estudo de Eysenck desempenhou um papel crucial ao estimular a realização de pesquisas mais rigorosas e metodologicamente sólidas sobre a eficácia das diferentes modalidades terapêuticas. Atualmente, com o acúmulo de evidências provenientes de diversas metodologias de investigação, a comunidade científica reconhece a eficácia das psicoterapias em uma ampla gama de transtornos mentais (Rocha, 2018).

A complexidade da psicoterapia, evidenciada por décadas de pesquisa, transcende a mera aplicação de técnicas específicas. Conforme Norcross e Lambert (2011), o vínculo terapêutico, a abordagem teórica, as características do paciente e do terapeuta, assim como o contexto no qual a terapia ocorre, entrelaçam-se de forma intrincada, influenciando significativamente a eficácia do tratamento. A visão reducionista de que a terapia se resume à

aplicação de técnicas isoladas é refutada pelo autor, que enfatiza a natureza relacional da prática clínica.

Do mesmo modo, a separação artificial entre o instrumental técnico e o relacionamento terapêutico, embora possa ser útil para fins de pesquisa, obscurece a dinâmica complexa que se estabelece no encontro terapêutico. Em outras palavras, as técnicas terapêuticas são, em última instância, atos relacionais que se manifestam no contexto de uma interação interpessoal profunda e significativa (Rocha, 2018).

A noção de vínculo terapêutico, desde sua conceituação inicial por Elizabeth Zetzel (1956), tem sido objeto de um contínuo processo de refinamento e ampliação, buscando acompanhar a diversidade de abordagens teóricas e práticas da psicoterapia. Inicialmente concebida como o aspecto saudável e genuíno da interação entre terapeuta e paciente, o vínculo terapêutico foi definido por Zetzel como a capacidade do paciente de engajar-se em um trabalho analítico, mesmo diante das forças da transferência.

A dimensão real da relação, conforme enfatizada por Mackie (2018), refere-se à autenticidade e verdade inerentes à interação terapêutica, em contraposição às distorções fantasiosas que frequentemente caracterizam as relações interpessoais. Ao longo do tempo, a compreensão da relação terapêutica evoluiu, incorporando elementos das diversas escolas psicoterápicas e reconhecendo a complexidade dos processos interpessoais que se desenrolam no contexto terapêutico.

A conceituação de aliança terapêutica proposta por Edward Bordin (1979) se destaca por sua abrangência e relevância para a prática clínica contemporânea. Ao definir a aliança como um construto composto por concordância quanto aos objetivos terapêuticos, tarefas a serem realizadas e vínculo pessoal positivo e assim, o referido autor oferece um modelo que transcende as especificidades de cada abordagem psicoterápica.

Essa visão pan-teórica da aliança, como enfatizado por Horvath e Luborsky (1993), a torna um conceito fundamental para a compreensão e a otimização dos processos terapêuticos. O vínculo, nesse sentido, constitui o alicerce sobre o qual se constrói a confiança mútua, a colaboração e o engajamento do paciente no tratamento, sendo considerada um fator crucial para a adesão ao tratamento e para a obtenção de resultados terapêuticos positivos.

A relevância da aliança terapêutica para o sucesso da psicoterapia tem sido amplamente corroborada por pesquisas empíricas. Meta-análises, como as revisadas por Ardito (2020), apontam consistentemente que a qualidade da relação estabelecida entre terapeuta e paciente é um preditor mais robusto de resultados positivos do que as especificidades das técnicas terapêuticas empregadas.

Essa evidência é corroborada por estudos como o de Barber (2006), citado por Norcross e Lambert (2011), que demonstram que um vínculo terapêutico sólido pode compensar a adesão menos rigorosa a técnicas específicas, enquanto uma aliança frágil exige um maior apego às técnicas para se obter resultados satisfatórios. Esses achados destacam a importância do fator relacional na psicoterapia, sugerindo que, embora as técnicas terapêuticas desempenhem um papel importante, é a qualidade da interação entre terapeuta e paciente que, em última instância, determina a eficácia do tratamento.

A relação entre o vínculo, a transferência e a contratransferência é fundamental para compreender a dinâmica da terapia e como ela pode levar à manutenção ou ruptura do processo terapêutico. Sendo a transferência a projeção de emoções relacionadas ao passado do paciente em seu terapeuta, o vínculo terapêutico, tanto pode ser fortalecido, quanto enfraquecido. Isso significa que, quando a transferência é positiva, o paciente pode se sentir mais motivado a permanecer na terapia. Por outro lado, quando ela é negativa, a relação de confiança não se estabelece, gerando grande resistência em relação à terapia (Stefani; Anjos; Gomes, 2021).

Winnicott (2006) destaca a importância do ambiente facilitador, proporcionado pelo terapeuta, para que o paciente possa experimentar e elaborar seus sentimentos. Um ambiente seguro e acolhedor facilita a expressão da transferência e a exploração de conflitos internos. Por outro lado, um ambiente hostil ou pouco empático pode levar à ruptura do vínculo e ao fracasso do tratamento.

Bion (2022) enfatiza a importância da função alfa do terapeuta, ou seja, a capacidade de transformar as experiências emocionais do paciente em elementos pensáveis. Essa função facilita a elaboração da transferência e a construção de um espaço mental onde o paciente possa crescer e se desenvolver. A relação entre transferência e contratransferência, é dialógica e coconstruída, sendo a contratransferência uma resposta à transferência e vice-versa. Essa perspectiva enfatiza a importância da intersubjetividade na relação terapêutica e a necessidade de que ambos, terapeuta e paciente, participem ativamente do processo de construção do significado.

Isso significa que o vínculo terapêutico, a transferência e a contratransferência são elementos interdependentes que influenciam o curso do processo terapêutico. Um vínculo seguro e confiável, aliado à capacidade do terapeuta de lidar com a transferência e a contratransferência de forma adequada, são fundamentais para a criação de um ambiente propício à mudança e ao crescimento pessoal (Bion, 2022).

2 MATERIAL E MÉTODOS

Prodanov e Freitas (2013), ao conceituarem o método, inserem-no em um universo de particularidades que se encontram além da definição de caminho, visto que ele corresponde à própria estrutura cognitiva por meio da qual o pesquisador interage com a realidade, moldandoa em um objeto de estudo e estabelecendo os parâmetros para sua análise. A metodologia, nesse sentido, não se limita a um conjunto de técnicas, mas sim a uma epistemologia subjacente que define os limites do conhecimento científico, diferenciando-o das explicações cotidianas.

Ao fornecer um arcabouço teórico-prático, os métodos gerais orientam o pesquisador na construção de hipóteses, na coleta e análise de dados, e na formulação de conclusões que transcendem o particular, alçando o status de conhecimento universalmente válido. A escolha de um método, portanto, implica em uma tomada de decisão que condiciona tanto o alcance quanto a natureza das descobertas científicas (Prodanov; Freitas, 2013).

Quanto ao método, a presente pesquisa optou pelo dedutivo, o qual é descrito por Gil (2016, p. 9) como aquele que “Parte de princípios reconhecidos como verdadeiros e indiscutíveis e possibilita chegar a conclusões de maneira puramente formal, isto é, em virtude unicamente de sua lógica.”

Em relação à sua natureza, a pesquisa foi básica, a qual é conceituada como aquela cujo objetivo se volta para a construção de um arcabouço teórico coerente, capaz de explicar fenômenos naturais e sociais, sem a imposição de restrições pragmáticas. Em relação aos seus objetivos, o estudo foi descritivo, pois o pesquisador se ateu ao registro e descrição dos fenômenos sem qualquer tipo de intervenção (Prodanov; Freitas, 2013).

No que se refere aos procedimentos técnicos, a pesquisa foi bibliográfica, constituindo-se em um processo sistemático de coleta, análise e interpretação de informações provenientes de uma vasta gama de fontes, desde clássicos literários até as mais recentes publicações em periódicos especializados (Prodanov; Freitas, 2013). Diante disso, o referencial teórico do estudo foi instituído a partir das pesquisas científicas contidas em artigos e demais obras de referências, buscados nos repositórios acadêmicos, tais como o SciELO, Lilacs e o Banco de Teses e Dissertações da CAPES. O levantamento e análise dos textos ocorreu no segundo semestre de 2024 e as informações obtidas compuseram o artigo decorrente do estudo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na perspectiva psicanalítica, o afeto, como enfatizado por Freud (1915), é mais do que uma mera experiência emocional, constituindo uma força energética fundamental para a dinâmica psíquica. Essa energia, ao se manifestar como sensações corporais e estados emocionais intensos, molda as representações mentais e as relações interpessoais do indivíduo. A dissociação entre afeto e representação, evidenciada por Freud, possibilitou a compreensão de fenômenos como a conversão histérica e a formação de sintomas, nos quais o afeto recalcado encontra vias alternativas de expressão.

Laplanche e Pontalis (2020) evidenciam que o afeto, muitas vezes penoso, revela a complexidade da vida psíquica e a importância da investigação dos processos afetivos para a psicanálise. Além disso, as teorias do apego, como as de Bowlby (2018), demonstram a centralidade dos vínculos afetivos na construção da subjetividade, enfatizando que as interações precoces com o cuidador primário moldam as representações mentais e as relações futuras do indivíduo.

Penna (2017) salienta que a natureza dos vínculos afetivos é profundamente moldada pelas experiências precoces de cuidado. Isso significa que as primeiras interações com os cuidadores primários servem como um modelo para as relações futuras, estabelecendo padrões de expectativas e desejos que serão reproduzidos ao longo da vida, conforme postulado.

Para Freud (1996), a identificação, mecanismo psíquico fundamental nesse processo, permite a internalização de aspectos dos objetos de amor, fortalecendo os vínculos e contribuindo para a construção da identidade. A compreensão da complexidade do afeto e suas transformações, como explorado nos estudos iniciais de Freud sobre a histeria (1974), revela a centralidade desse conceito para a psicanálise, elucidando desde a formação dos primeiros vínculos até o desenvolvimento de sintomas neuróticos.

Em seus estudos Freud (1974) explorou a natureza do afeto, o que se constituiu em um dos pilares da psicanálise. Destaca-se que ao longo de sua obra, Freud e seus sucessores enriqueceram essa concepção, integrando os afetos à dinâmica psíquica de forma cada vez mais complexa. A teoria da angústia e a teoria pulsional, por exemplo, revelaram a íntima relação entre os afetos, o recalque e a morte.

Imbasciati (2018) aponta que a psicanálise, em sua essência, é um método de investigação dos afetos, tanto em suas manifestações conscientes quanto inconscientes. A amplitude do campo dos afetos, que se estende do corpo à linguagem e das relações objetivas ao trauma, demonstra a centralidade desse conceito na teoria psicanalítica. Por sua vez, a obra de André Green (2020) contribuiu significativamente para essa discussão, ao destacar a importância

dos afetos nas relações precoces, especialmente na díade mãe-bebê, revelando a complexidade das dinâmicas afetivas que se estabelecem nesse triângulo relacional.

A partir da perspectiva winnicottiana, ampliada por Green (2020), os afetos emergem como elementos centrais na gênese e desenvolvimento do brincar, um espaço intersubjetivo onde a subjetividade infantil se constitui em diálogo com o outro. Essa concepção, que enfatiza a importância das interações precoces mãe-bebê, encontra eco nas pesquisas contemporâneas em psicanálise.

Entende-se que a busca freudiana por satisfação das necessidades infantis, veiculada por mecanismos de transferência e suscetível a frustrações, encontra em Winnicott (2006) uma elaboração mais detalhada. Nesse sentido, a dependência infantil, entendida como uma condição inata e necessária, exige a presença de um cuidador suficientemente bom que facilite a construção de um vínculo seguro.

Green (2020) argumenta que a qualidade desse vínculo, por sua vez, moldará a personalidade da criança, influenciando sua capacidade de relacionar-se consigo mesma e com o mundo e a figura materna, nesse contexto, desempenha um papel primordial na elaboração das experiências emocionais infantis, promovendo a integração das vivências e a construção de um senso de si coerente.

Bowlby (2018) postula que as interações precoces com o cuidador primário, especialmente a figura materna, são cruciais para a formação de vínculos afetivos seguros e para o desenvolvimento de uma subjetividade saudável e a partir dessas relações, a criança internaliza padrões relacionais que moldam suas expectativas e comportamentos futuros. A figura de apego, concebida como uma base segura, desempenha um papel fundamental na regulação emocional e na construção de um senso de si coerente.

Sobre o papel da transferência e contratransferência na dinâmica afetiva, observa-se que são conceitos centrais na psicoterapia, constituindo a base da dinâmica afetiva que permeia a relação terapêutica. Bezerra (2024) discorre que a transferência, marcada pela projeção inconsciente de sentimentos e expectativas sobre o terapeuta, manifesta-se de forma complexa, envolvendo tanto idealizações quanto resistências.

A contratransferência, por sua vez, como enfatizado por Barros (2015) e Bezerra (2024), representa a resposta emocional do terapeuta à transferência do paciente, revelando a intensidade e a complexidade dos processos afetivos que se desenrolam no *setting* terapêutico. A afetividade, nesse contexto, não é apenas um elemento secundário, mas sim o motor da análise, pois é através dela que os conflitos inconscientes são mobilizados e trabalhados. Desse modo, concorda-se com os referidos autores, ao argumentarem que a compreensão e a gestão

cuidadosa desses fenômenos são fundamentais para a eficácia do processo terapêutico, permitindo ao terapeuta criar um ambiente seguro e propício à elaboração psíquica.

A transferência, inicialmente concebida por Freud como um obstáculo à análise, evoluiu para se tornar um dos pilares da técnica psicanalítica. Kupermann (2008) destaca a complexidade desse conceito, que, em seus primórdios, era visto como uma falsa-ligação que impedia o avanço do tratamento.

No entanto, a experiência clínica e a evolução da teoria psicanalítica levaram Freud (2004) a reconhecer a transferência como um fenômeno fundamental para a investigação do inconsciente. A repetição, antes considerada uma resistência, passou a ser valorizada como um instrumento privilegiado para a análise, permitindo que os conflitos recalcados se manifestassem na relação com o analista.

Em contraposição à visão inicial de Freud, que concebia a transferência como uma resistência a ser superada, Ferenczi (1996) e Winnicott (2006), com suas perspectivas intersubjetivas, propõem uma visão mais dinâmica e criativa desse fenômeno. A transferência, para esses autores, não se limita à repetição de padrões passados, mas constitui um campo fértil para a criação e transformação da subjetividade.

Bezerra (2024) reforça a importância da qualidade do encontro afetivo nesse processo, ressaltando que a transferência não é apenas uma rememoração, mas uma mobilização e transmutação de afetos que possibilita a elaboração de conflitos e a construção de novas formas de relacionar-se. Lejarraga (2020), concordando com essa perspectiva, amplia ainda mais o conceito de transferência, concebendo-o como um processo introjetivo e criador, em que os afetos são transmutados, promovendo mudanças profundas na subjetividade do analisando. Essa visão contemporânea da transferência, que ultrapassa a noção de repetição mecânica, destaca a importância da dimensão relacional e da co-construção de significados no processo analítico, conferindo-lhe um caráter ativo e transformador.

A obra de Zimerman (2007) evidencia a centralidade da transferência na teoria psicanalítica freudiana, enquanto a contratransferência, apesar de reconhecida, foi relegada a um segundo plano e vista como um potencial obstáculo à objetividade analítica. A preocupação de Freud com a contaminação da análise pela subjetividade do terapeuta levou à defesa de uma neutralidade analítica rígida, inspirando-se em modelos científicos. Essa visão, compartilhada por autores como Klein e Lacan, posicionava o analista como um observador imparcial, livre de influências subjetivas.

No entanto, a concepção de neutralidade absoluta, como um espelho opaco, limitou a compreensão da complexidade da relação analítica e das nuances da experiência clínica.

Autores como Ferenczi (1992), Heimann (1950) e Winnicott (2006) questionaram essa postura, propondo uma revalorização da contratransferência como um recurso terapêutico fundamental. A subjetividade do analista, no lugar de ser um problema, pode ser utilizada como uma ferramenta para compreender a dinâmica transferencial e promover a transformação psíquica do paciente.

A contratransferência, antes vista como um obstáculo à objetividade analítica, é hoje reconhecida como uma fonte inestimável de informações sobre a dinâmica da relação terapêutica. Ferenczi (1992) e Winnicott (2006) foram pioneiros em defender a importância de reconhecer e trabalhar com os próprios sentimentos e reações diante do paciente. A negação da contratransferência, como defendia a visão mais ortodoxa, impede o estabelecimento de um vínculo terapêutico genuíno e limita a capacidade do analista de compreender o mundo interno do paciente.

Winnicott (2006) por sua vez, argumentou que a identificação do analista com o sofrimento do paciente, sem perder sua identidade profissional, é fundamental para a construção do self do analisando. Essa perspectiva, que valoriza a dimensão relacional e intersubjetiva da análise, representa uma ruptura radical com a concepção tradicional de neutralidade, abrindo

Green (2020), ampliando essa perspectiva, propôs que a contratransferência não apenas reflete a transferência do paciente, mas também a influencia. A relação analítica, sob essa ótica, é um campo intersubjetivo complexo, no qual a transferência e contratransferência se entrelaçam e se co-constroem. Essa visão mais elaborada da contratransferência exige do analista uma escuta atenta tanto aos seus próprios processos inconscientes quanto aos do paciente, tornando a prática analítica uma empreitada conjunta de exploração e transformação.

A polêmica sobre a eficácia da psicoterapia, instigada por Eysenck (1952), impulsionou a comunidade científica a buscar evidências mais robustas sobre os benefícios dos tratamentos psicológicos. Embora o estudo de Eysenck tenha gerado debates acalorados, ele desempenhou um papel crucial ao estimular a realização de pesquisas mais rigorosas e metodologicamente sólidas.

Segundo Rocha (2018), o consenso científico atual é de que as psicoterapias são eficazes para uma ampla gama de transtornos mentais. No entanto, sua complexidade transcende a mera aplicação de técnicas e de acordo com Norcross e Lambert (2011), o vínculo terapêutico, as características do paciente e do terapeuta, e o contexto da terapia se entrelaçam de forma intrincada, influenciando significativamente os resultados do tratamento.

Rocha (2018) também argumenta que a visão reducionista de que a terapia se resume a um conjunto de técnicas isoladas é refutada pela pesquisa, que demonstra a natureza relacional

da prática clínica, diante disso, compreende-se que a separação artificial entre o instrumental técnico e o relacionamento terapêutico obscurece a dinâmica complexa que se estabelece no encontro terapêutico.

A noção de vínculo terapêutico, desde sua concepção cunhada por Zetzel (1956), evoluiu significativamente, incorporando nuances e complexidades da interação terapêutica. Inicialmente concebido como o aspecto saudável da relação entre terapeuta e paciente, o vínculo, conforme enfatizado por Mackie (2018), transcende as distorções fantasiosas, caracterizando-se pela autenticidade e verdade da interação.

Ademais, a aliança terapêutica, proposta por Bordin (1979), ofereceu um marco teórico abrangente, destacando a importância da concordância quanto aos objetivos terapêuticos, das tarefas a serem realizadas e do vínculo pessoal positivo. Essa visão pan-teórica, como enfatizado por Horvath e Luborsky (1993), tornou o vínculo um conceito central na psicoterapia, constituindo o alicerce da confiança mútua, da colaboração e do engajamento do paciente no tratamento.

A literatura evidencia que a relevância da aliança terapêutica para o sucesso da psicoterapia é incontestável. Essa perspectiva é corroborada por Ardito (2020) ao pontuar que a qualidade do vínculo entre terapeuta e paciente é um preditor mais forte de resultados positivos do que as técnicas terapêuticas empregadas.

Um vínculo positivo, facilitado por um ambiente terapêutico seguro e acolhedor, como enfatizado por Winnicott (2006), promove a expressão da transferência e a exploração de conflitos internos. Por outro lado, um ambiente hostil ou pouco empático pode levar à ruptura do vínculo e ao fracasso do tratamento. A pesquisa evidencia que a qualidade da relação terapêutica é um fator primordial para a eficácia da psicoterapia, superando em importância as técnicas específicas utilizadas.

Bion (2022) enfatiza a crucialidade da função alfa do terapeuta, ou seja, sua capacidade de transformar as experiências emocionais caóticas do paciente em elementos pensáveis. Essa função, ao facilitar a elaboração da transferência, cria um espaço mental seguro para o paciente crescer e se desenvolver. A relação entre transferência e contratransferência é dialógica e coconstruída, sendo a contratransferência uma resposta à transferência e vice-versa.

Concordando com Bion (2022) destaca-se que o vínculo terapêutico, a transferência e a contratransferência são elementos interdependentes que influenciam profundamente o processo terapêutico. Um vínculo seguro e confiável, aliado à capacidade do terapeuta de lidar com as complexidades da transferência e da contratransferência, é fundamental para a criação de um ambiente propício à mudança e ao crescimento pessoal. A função alfa do terapeuta, nesse

contexto, se torna um catalisador para a transformação psíquica do paciente, permitindo que ele elabore experiências emocionais intensas e encontre novos significados para sua vida.

Mediante os achados contidos na literatura, destaca-se que a primeira hipótese, de que os afetos desempenham um papel fundamental na construção e manutenção do vínculo terapêutico, influenciando a transferência e a contratransferência, se confirma e se fundamenta na compreensão de que as relações humanas são permeadas por emoções e que a terapia, como uma relação interpessoal, não é exceção.

Nesse sentido, é evidenciado que os afetos positivos, como empatia, confiança e segurança, facilitam a construção de um vínculo terapêutico sólido. Quando o terapeuta demonstra genuíno interesse e acolhimento, o paciente se sente mais à vontade para explorar seus sentimentos e experiências. Diante disso, a capacidade do terapeuta de reconhecer e trabalhar com sua própria contratransferência é fundamental para manter uma postura profissional e facilitar o processo terapêutico.

No entanto, é preciso destacar o discurso de Klein (1979), ao evidenciar que o processo de internalização de limites e o desenvolvimento de uma capacidade de simbolização são essenciais para a construção da realidade psíquica. O afeto, quando não é contido adequadamente, pode se transformar em uma força desorganizada, destruindo a capacidade de enfrentar a realidade externa.

Para Winnicott (1997), o analista deve ser capaz de se colocar como uma presença suficientemente boa, estabelecendo limites claros, mas também demonstrando a flexibilidade necessária para acolher as projeções do paciente. O afeto, no contexto da análise, deve ser manejado de forma que permita ao paciente experimentar a transição entre dependência e independência.

A segunda hipótese, de que a qualidade do vínculo terapêutico, mediada pelos processos afetivos, está relacionada aos resultados do tratamento psicanalítico postula que a natureza da conexão emocional estabelecida entre o terapeuta e o paciente é um fator determinante para o sucesso da terapia. Isso significa que a força, a segurança e a autenticidade da relação terapêutica influenciam diretamente a capacidade do paciente em explorar seus conflitos internos, promover mudanças significativas em sua vida e alcançar os objetivos do tratamento.

A transferência é a repetição de uma relação afetiva, que originalmente se dava no campo da família, agora sendo projetada sobre o analista. Contudo, a intensidade dessa transferência, com todas as suas fantasias e desejos, deve ser contida e canalizada de maneira a não ultrapassar os limites daquilo que é terapêutico (Freud, 1978).

A terceira hipótese, de que a capacidade do analista de lidar com seus próprios afetos e de estabelecer um clima emocional seguro e continente é fundamental para o sucesso da terapia, direciona a reflexão sobre a complexa dinâmica da relação terapêutica. Não obstante, ao estar atento aos seus próprios sentimentos, o analista pode identificar as projeções do paciente e utilizá-las como ferramenta para a compreensão do mundo interno do paciente.

4 CONCLUSÃO

Na efetivação do presente estudo, foi possível observar que as teorias psicanalíticas, desde seus primórdios, dedicaram-se a desvendar a complexa relação entre afeto e construção de vínculos. A partir das contribuições de Freud e de seus sucessores, compreende-se que os afetos, como manifestações energéticas da vida psíquica, são fundamentais para a formação da personalidade e para o estabelecimento de relações interpessoais significativas.

As evidências contidas na literatura demonstram que os afetos, sejam eles positivos ou negativos, impulsionam nossos comportamentos e moldam nossas experiências relacionais. Não obstante, a qualidade dos primeiros vínculos estabelecidos na infância, especialmente com os cuidadores, influencia profundamente a forma como um indivíduo se relaciona ao longo da vida. Além disso, o ambiente emocional proporcionado pelos cuidadores e, posteriormente, pelo terapeuta, desempenha um papel crucial na formação da personalidade e no desenvolvimento de um *self* seguro e coeso.

Em relação ao papel da transferência e contratransferência na dinâmica afetiva, os resultados apontam que a transferência e a contratransferência constituem elementos centrais na dinâmica afetiva da relação terapêutica, moldando profundamente o processo de análise. Destaca-se que a transferência permite que o paciente acesse conteúdos inconscientes, revelando as raízes de seus conflitos e dificuldades. Nesse sentido, a repetição de padrões relacionais na transferência oferece a oportunidade de elaborar experiências passadas e promover a mudança. A literatura também dispõe que a análise da transferência e da contratransferência permite ao terapeuta obter informações valiosas sobre a estrutura de personalidade do paciente. Além disso, é possível compreender que a qualidade do vínculo terapêutico é influenciada pela forma como o terapeuta lida com a transferência e a contratransferência.

O vínculo terapêutico, na perspectiva psicanalítica, é um dos pilares centrais do processo de análise, visto que através dessa relação única e complexa que o paciente pode acessar e

elaborar seus conflitos internos, promovendo assim a mudança e o crescimento pessoal. Na prática clínica, isso significa que o terapeuta deve estar atento aos seus próprios sentimentos e reações, bem como aos sentimentos e reações do paciente.

Por fim, é importante ressaltar que os objetivos do estudo foram alcançados e como desdobramento, sugere-se que o analista deve ser capaz de estabelecer uma proximidade equilibrada, estabelecendo limites claros, e demonstrando uma flexibilidade necessária para acolher o que o paciente projetar. O afeto deve ser manejado de forma que permita ao paciente experimentar a transição entre dependência e independência. O manejo é sempre delicado, deve sempre ser adaptado ao contexto que é trazido pelo paciente. Prudência e equilíbrio são as palavras que melhor nos guiarão, tendo em vista a experiência do terapeuta na construção dos afetos em relação aos pacientes.

REFERÊNCIAS

- BARBER, J. P. The role of therapist adherence, therapist competence, and alliance in predicting outcome of individual drug counseling: Results from the National Institute Drug Abuse Collaborative Cocaine Treatment Study. *Psychotherapy Research*, 16(2), 229–240, 2006.
- BARROS, L. H. C. Transferência em psicoterapia de grupo de orientação analítica. *Jornal de Psicanálise*, 48(88), 81-94, 2015.
- BEZERRA, M.M.S. Transferência e contratransferência: os efeitos clínicos do observador no trabalho em grupos terapêuticos. *Psicologia USP*, volume 35, e190081, 2024.
- BION, W. R. *Experiences in groups*. New York: Basic Books, 2022.
- BORDIN, E. S. The generalizability of the psychoanalytic concept of the working alliance. *Psychotherapy: Theory, Research & Practice*, 16(3), 252–260, 1979.
- BOWLBY, J. *Formação e rompimento dos laços afetivos*. São Paulo: Martins Fontes, 2018.
- EYSENCK, H. J. *The effects of psychotherapy: An evaluation*. 1952.
- FERENCZI, S. Elasticidade da técnica psicanalítica. In S. FERENCZI (Org.). *Obras completas de Sándor Ferenczi*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

- FREUD, S. *A dinâmica da transferência*. Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- FREUD, S. Introdução ao Narcisismo (1914). In: *Obras Completas de Sigmund Freud (vol. 14)*. Rio de Janeiro: Imago, 1978.
- FREUD, S. *Análise fragmentária de uma histeria*. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- FREUD, S. *As neuropsicoses de defesa*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. *Sobre o início do tratamento* (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I). Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1915.
- GIL, A.C. *Metodologia da Pesquisa*. São Paulo: Saraiva, 2016.
- GREEN, A. *Orientações para uma psicanálise contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago, 2020.
- HEIMANN, P. On Counter-Transference. *The International Journal of sychoanalysis*, 31, 8184, 1950.
- HORVATH, A. O.; LUBORSKY, L. The role of the therapeutic alliance in psychotherapy. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 61(4), 561–573, 1993.
- KLEIN, M. *A Psicanálise de Crianças (1932)*. Trad. C. Klein. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- KUPERMANN, D. Presença sensível: a experiência da transferência em Freud, Ferenczi e Winnicott. *Jornal de Psicanálise*, 41(75), 75-96, 2008.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.B. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2020.
- LEJARRAGA, A. L. *As múltiplas dimensões da transferência na clínica psicanalítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2020.
- MACKIE, A. J. Attachment theory: Its relevance to the therapeutic alliance. *British Journal of Medical Psychology*, 2018.
- NORCROSS, J. C.; LAMBERT, M. J. Psychotherapy relationships that work II. *Psychotherapy*, 48(1), 4–8, 2011.
- PENNA, C. O campo dos afetos: fontes de sofrimento, fontes de reconhecimento. Dimensões pessoais e coletivas. *Cad. Psicanál. (CPRJ)*, v. 39, n. 37, p. 11-27, jul./dez. 2017.
- PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- ROCHA, G. M. A. D. *Estilos de vínculo em adultos-implicações para a psicoterapia*. Porto Alegre: Artmed, 2018.
- STEFANI, M.R.; ANJOS, F.P.; GOMES, I.C. Trabalhando o vínculo, trabalhando no vínculo: considerações sobre o papel da transferência no atendimento de crianças e jovens que sofreram rupturas familiares. *Vínculo - Revista do NESME*, vol. 18, núm. 3, pp. 40-46, 2021.
- WINNICOTT, D. Ódio na contratransferência. In: D. W. WINNICOTT (Org.), *Da pediatria à psicanálise*. São Paulo: Imago, 2006.

WINNICOTT, D. W. *O Processo de Criação do Self (1960)*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ZETZEL, E. R. *Current concepts of transference*. Influential Papers from the 1950s, 1956.

ZIMERMAN, D. E. *Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica: uma abordagem didática*. Porto Alegre: Artmed, 2007.